



SEJA SUBVERSIVA, SEJA PRETA:

Uma análise discursiva do rap feminino negro no Brasil

Ingrid Cândido de Araújo

Universidade de Brasília – Aluna de Graduação em Comunicação Organizacional

RESUMO

Este trabalho analisa como o rap feminino negro no Brasil se consolida como prática discursiva, política e estética de resistência. A pesquisa parte do feminismo negro (Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro), articulado aos conceitos de representação e subjetividade (Stuart Hall, Ricardo Teperman, Félix Guattari, Tricia Rose) e à teoria do ethos discursivo (Ruth Amossy). Com abordagem qualitativa e análise de discurso, examina letras de MC Luanna, Afreekasia, Tasha & Tracie, Ajuliacosta e Ebony. As artistas constroem imagens de si que subvertem estereótipos e reposicionam a mulher negra como sujeito epistêmico e insurgente.

PALAVRAS-CHAVE

Rap feminino; Feminismo negro; Ethos discursivo; Representação; Reexistência.

1. INTRODUÇÃO

A mulher negra brasileira ocupa historicamente a base da pirâmide social, marcada por violências que cruzam raça, gênero e classe. Vistas como força de trabalho desde o período escravocrata e atravessadas por estigmas como a hipersexualização, a subalternidade e o silenciamento, essas mulheres enfrentam diariamente os efeitos do racismo estrutural e do sexismo institucional. O feminismo negro emerge, nesse cenário, como resposta política, crítica e epistemológica a essas opressões, reivindicando o direito à palavra, à autoria e à representação.

Mais do que um gênero musical, o rap feminino negro no Brasil se consolida como prática discursiva insurgente. Ele se torna espaço simbólico de disputa, onde a mulher negra pode se narrar, produzir saberes e afirmar subjetividades que resistem ao epistemicídio. Ao ocupar o microfone, essas artistas reivindicam lugar de fala, de criação e de transformação.

Este trabalho tem como objetivo analisar como o rap feminino negro constrói imagens de si que subvertem estereótipos e reconfiguram a mulher negra como sujeito epistêmico, criativo e político. Parte-se da seguinte pergunta de pesquisa: quais estereótipos institucionais são acionados ou tensionados por rappers negras brasileiras na construção do ethos discursivo em suas letras? A hipótese sustenta que essas vozes constroem discursos que performam resistência, autoria e reexistência frente aos discursos dominantes.

2. METODOLOGIA

Este trabalho utiliza abordagem qualitativa, bibliográfica e interpretativo-descritiva, fundamentada na Análise do Discurso. A pesquisa se orienta pela teoria do ethos discursivo de Ruth Amossy, que entende a imagem de si como uma construção discursiva estratégica, produzida na relação entre o sujeito que fala, o discurso e os estereótipos coletivos que circulam socialmente.

O corpus é composto por cinco músicas de rappers negras brasileiras: “Eu Amo Ser Negona” (Afreekasia), “Cartas a uma Garota Negra” (MC Luanna), “POCO” (Tasha & Tracie), “Queen Chavosa” (Ajuliacosta) e “Espero Que Entendam” (Ebony). As análises se concentram nas estratégias discursivas utilizadas pelas artistas para construir ethos que tensionam estereótipos raciais e de gênero, promovendo deslocamentos simbólicos e reivindicações de lugar de fala.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa se ancora no pensamento do feminismo negro, com destaque para autoras como Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro, que denunciam as opressões interseccionais vividas pelas mulheres negras e propõem práticas políticas e epistêmicas de resistência. Collins contribui com o conceito de “imagens de controle”, estereótipos que moldam a representação das mulheres negras na sociedade. Já Davis historiciza a exploração de seus corpos e saberes desde a escravidão.

As reflexões sobre representação e subjetividade se apoiam em Stuart Hall, Ricardo Teperman, Félix Guattari e Tricia Rose. Hall problematiza a identidade como construção discursiva; Ricardo Teperman articulando memória e resistência do rap no Brasil; Guattari compreende o rap como prática de subjetivação; e Rose analisa as disputas de gênero no hip-hop. Ruth Amossy oferece a base metodológica da análise, por meio do conceito de ethos discursivo, permitindo compreender como as artistas constroem imagens de si que legitimam sua autoridade discursiva e tensionam estereótipos institucionalizados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das músicas revela que o rap feminino negro brasileiro atua como território simbólico de resistência, autoria e reexistência. As artistas selecionadas constroem imagens de si que rompem com estereótipos como a Jezebel, a Matriarca e a Negra Raivosa, subvertendo essas representações e elaborando discursos que afirmam a mulher negra como sujeito político, epistêmico e criativo.

Em “Eu Amo Ser Negona”, Afreekasia constrói um ethos de afirmação radical da negritude como beleza e potência. “Cartas a uma Garota Negra”, de MC Luanna, projeta um ethos de cuidado

e amor, estabelecendo uma ponte entre dor e cura. Em “POCO”, Tasha & Tracie encarnam um ethos de ostentação crítica, ressignificando o luxo como estratégia de enfrentamento à escassez imposta. “Queen Chavosa”, de Ajuliacosta, opera um ethos múltiplo e performático, que reivindica presença e protagonismo nas ruas, no corpo e na palavra. Já “Espero Que Entendam”, de Ebony, apresenta um ethos de ruptura e revolta, recusando e criticando o cenário do rap masculino.

Todas essas vozes performam uma insurgência discursiva. Constroem imagens de si que tensionam o racismo estrutural e o sexismo institucional, reposicionando a mulher negra não como objeto, mas como narradora de sua própria existência. O rap, nesse contexto, é linguagem insurgente, poética da sobrevivência e ferramenta de reescrita do mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou que o rap feminino negro no Brasil constitui uma prática discursiva de resistência que articula corpo, memória, linguagem e ancestralidade. Ao analisarmos o ethos discursivo construído por artistas como MC Luanna, Afreekasia, Tasha & Tracie, Ajuliacosta e Ebony, observamos a emergência de vozes que reconfiguram a imagem da mulher negra no campo simbólico, reivindicando poder de nomeação, autoria e subjetividade.

Essas artistas enfrentam estereótipos historicamente construídos, não apenas os subvertendo, mas convertendo-os em matéria poética e política. O microfone torna-se instrumento de disputa, e a performance do rap, um modo de reexistir com dignidade, força e afeto. O discurso dessas mulheres tensiona tanto o machismo presente no próprio hip-hop quanto o silenciamento operado por um feminismo branco normativo.

Como prospecção de pesquisa, destaca-se a importância de ampliar os estudos sobre a circulação digital dessas vozes, suas performances ao vivo, seus impactos nas comunidades que as acompanham e os desdobramentos afetivos e políticos de sua escuta. Compreender o rap feminino negro como território de saber é também reconhecer que essas vozes estão não apenas rimando, mas ensinando, curando e provocando rupturas no estereótipo coletivo.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese [Doutorado em Educação] – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização de Stuart Hall. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2017.
- ROSE, Tricia. **Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos**. Tradução de Daniela Vieira e Jaqueline Lima Santos. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.